

A POESIA DE NAURO MACHADO

Maria de Nazaré Cassas de Lima Lobato
Mestrado de Teoria Literária PUC/RS -
UFSMa.

INTRODUÇÃO

Desde "Campo Sem Base", seu livro de estréia, publicado em 1958, numa edição da Revista Branca, até "Os Órgãos Apocalípticos" em 1976, Nauro Machado veio aprimorando a sua poesia, no sentido de despojá-la de seus excessos verbais.

A poesia dos últimos livros está mais apurada, mais equilibrada. Sintetiza o outrora exuberante, por vezes prolixo. E a permanente feição subjetiva de linguagem valeryana, o obscuro e quase hermético das citações interiores é necessária para a sustentação do mundo metafórico do poeta, tão necessária quanto a temática da amargura de viver num mundo insano.

Pelos dois últimos livros lançados, "Os Parreirais de Deus" e "Os Órgãos Apocalípticos", de 1975 e 1976, respectivamente, podemos sentir o amadurecimento do Poeta, não só como ser que inquire a existência, mas como poeta que domina seu instrumento.

Em Nauro Machado vemos o artesão de mãos dadas com o ser sensível, para que a forma se realize através de uma linguagem suficiente e necessária. Escolhendo seu caminho constrói a sua linguagem, articula uma direção personalíssima, inaugura o seu artesanato, segue sozinho na luta de transmitir um pouco de substância humana de que está impregnado.

Seus poemas se armam de rara beleza, seus versos se

juntam e formam uma unidade em favor do poeta e seus recursos constroem a originalidade de sua obra.

Os que o conhecem sabem perfeitamente que não se pode falar de fidelidade maior que a de Nauro à poesia.

A linguagem e a temática, na obra de Nauro, se irmanam para a formalização do mundo-caos do poeta, que dá seu recado na elevação de sua voz trágica. Mensagem do indivíduo e do coletivo, mensagem de poeta do Maranhão para o mundo. A palavra é essencial, pois o poder do verbo em Nauro Machado diz do seu cotidiano simples e complexo, do cotidiano simples e complexo dos homens.

É assim Nauro Machado, contribuindo com sua arte para a humanização da vida, pois, no pensar de Hegel, a obra de arte faz o homem ser mais humano.

ALGUNS DADOS SOBRE O AUTOR.

Nauro Machado é, atualmente, a voz maior da poesia maranhense, a voz que ficou na província e não a voz que emigrou para outras plagas e outras formas verbais, como é o caso de Ferreira Gullar, Odilo Costa Filho, Manuel Caetano Bandeira de Melo, Osvaldino Marques, Luís Costa Lima e outros mais.

Tem 42 anos de idade, dos quais a maior parte tem sido dedicada à poesia, transformada na realidade mais poderosa de sua vida, Nauro Machado é voltado para o seu mundo interior, não lhe sendo possível acompanhar outros movimentos a não ser os que lhes vêm do íntimo. A poesia torna-se, então, para ele, um encontro consigo mesmo, um encontro revelador e vocacional no esforço de alcançar um nível de liberdade espiritual.

É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, funcionário público estadual, cujo emprego lhe foi dado pelo Governador José Sarney, poeta como ele. No ato da posse ficou claro que Nauro não seria um funcionário comum, ele não teria a obrigação de assinar ponto diariamente, uma vez que entendia o próprio governador ser mais útil ao Maranhão seu profícuo trabalho na poesia.

Casado com a escritora Arlete Nogueira da Cruz, tem um filho menor, ainda, e vive na simplicidade característica dos grandes espíritos.

Há necessidade de submetê-lo à atmosfera de S. Luís para se compreender toda sua poesia.

"Estigmatizado de há muito por terrível conjuntura social só pela contemplação poética experimenta fugaz instante de realização pessoal."

A poesia de hoje, com poucas exceções, tenta influir na

vida em vez de refleti-la simplesmente. A poesia brasileira, assim como contexto literário universal, está em crise, porque se esquece de atuar como instrumento para a expansão do ser, isto é, para ampliar a consciência e a visão dos valores que lhe são próprios. A poética nacional precisa de artistas que sejam reais duplicadores das leis cósmicas. Nauro Machado deixa de ser uma sombra e busca a arte com uma emoção e uma razão superiores. Para Nauro, o grande objetivo da arte é fazer sentir, pensar e despertar, por isso a evolução de sua obra faz-nos compartilhar com a alegria de sua criação e ver para além do que é mecânico, descobrir a relação entre as coisas.

A OBRA

É a partir de um depoimento de Nauro Machado dado a Frederic Willams que tentaremos rápida abordagem à sua obra:

"Sempre me apaixonou a derrota imposta a seres anormalmente equipados para a luta pela vida e que são dissolvidos em si, sem que o termo dissolução signifique fragmentação, impotentes que são para equacionar de maneira satisfatória o dualismo pendente entre a correição apolínea e a tentação dionisiaca. "Morte em Veneza", de Thomas Mann, exemplifica bem esse problema. Influenciou-me também a atmosfera de cauchemar desta minha S. Luis: ruínas de sobradões sob a chuva, enchentes catastróficas nos meus sonhos de infância, a Baía de S. Marcos inundando nossos becos e ruas e deixando em mim, o que até hoje permanece, uma sensação de dilúvio perene. E, de igual modo, o nosso pleno meio-dia, a pasmaceira de lepra que adquire a sonolência ardente das coisas e dos objetos circundantes. Aliás o tópico do "mundo às avessas" é uma das características da minha poesia."

O que torna atraente a análise da obra de Nauro Machado é exatamente a permanência temática na complexidade de suas variantes, até contrapostas entre si naquele tópico que o poeta chama de "mundo às avessas",

Do primeiro ao último livro vamos encontrar o mesmo desespero existencial no idêntico anseio, cada vez mais feroz, de captar a verdade metafísica do ser pela palavra. Uma poesia acreditando sobretudo no poder verbal, é na palavra e pela palavra que faz, às vezes, sua própria matéria poética.

Em "Campo Sem Base", seu primeiro livro, está implícita uma aderência ao divino e uma adesão à morte que alcançaria nos demais livros posições irrefutáveis de questionamento. Não

é mera coincidência o tema da Morte na linguagem barroca de Nauro. Vejamos:

Busco meu mundo que ainda madruga
Quando a solidão te condena em mim
Meu corpo! que recusa, entregue
À calma pois embora o céu me cegue,
Eu sou a ânsia e a espera do meu fim.

Em "Do Frustrado Órfico", inaugura um ritmo novo. Em "Zoologia da Alma" e 1 "sentimento dramático não anula dentro do equilíbrio dos versos, o reconhecimento da vida uma espécie de auscultação rigorosa"; Vejamos:

Quem bebe a terra
estruma o ovário
da maldição.

O rego vivo
da carne em mim
qual o cordeiro

O pranto seco
que o diabo em mim
meu pão amassou

Cadelas do mundo:
minha Madona
da lua cheia!

Cardume de ovos!
Terra ó calvário
de penitência

A poesia de "Noite Ambulatória" metafórica,² "transita entre os motivos universais e a descrição do cotidiano, que liga o simbólico regional às contingências do mundo contemporâneo". Essa poesia de fato se intensifica nas metáforas, tentando dizer o indizível e procurando captar o inefável.

A partir do "Eterno Indefinido" elabora pequenas peças, concisas, abandonando os longos e fartos poemas, verdadeiros "tour-de-force" dos primeiros livros, como o poeta mesmo os considerou.

1. FILHO, Adonias, capa do livro Zoologia da Alma — 1966

2. LUCAS, Fábio, jornal "O Estado de Minas",

É em "Décimo Divisor Comum" que se compensa:

Por que não estive às portas de Madri
lutando às claras com porcos purgueses,
luto e lutarei, em trevas por aqui.

Na época da elaboração de "Décimo Divisor Comum" espera o filho:

"Traíram-me os céus
Trutas trotam os rios
Uma criança nasce dos estios
desaguados nos meus invernos vários."

Observamos o ritmo de "trutas trotam os rios" e o acontecimento por vir.

É na poesia religiosa que Nauro contribui mais a criar uma visão pessoal do Cosmos. Em "Manjedoura Uterina", por exemplo, o poeta volta ao que Jung chamaria padrões arquetipais para remover meios expressivos latentes em verdade recebidas, como o pecado original:

"Há tanto tempo regresso ao mal
em voltar à fonte mais completa;
Aborto de Maria, hímen
entre coxas imperfeitas
como água de cisternas,
E a língua do universo queimando:
Noite, verbo de eternas estrelas.

É em "Testamento Provincial" que³ ele se define com o mais belo vigor a insularidade de sua condição pessoal como poeta, na sobriedade antológica destes quatro versos".

"Só para mim
tornado público,
sigo enterrado
em meu espaço

No dizer de Josué Montello a perfeição verbal dos poemas de "Testamento Provincial" aproxima-se de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, mas reconhece que essa aproximação não significa identidade.

O tema da morte, que se impõe a quase todos os poemas

3. MONTELLO, Josué, "Um Testamento de Poeta", prefácio do livro "Testamento Provincial", Rio 1976

de "Testamento Provincial", corresponderia a uma espécie de volta à melancolia romântica no poeta maranhense se não correspondesse, como de fato corresponde, à mais profunda de suas meditações. O mistério da vida leva-o ao seu supremo mistério, o do fim da existência, não como termo a uma outra vida, mas sim como indagação de ordem filosófica, que a palavra poética tenta responder nas voltas do poema.

Ainda diz Josué Montello: Nada mais pungente, no Testamento Provincial, de Nauro Machado, do que estes versos:

"Sei que, no alto, uma lua renasce sempre em lua,
depois do sol. Porém, em mim, o dia se apaga
e desce à terra na órbita dos meus olhos.
Sinto: sei que não vou poder nascer de novo."

Dir-se-ia que o poeta é mais o penitente da vida, no tirocinio de uma provação que a lucidez agrava a cada novo dia, do que o seu curioso e divertido espetáculo.⁴ "Essa provação ele a suporta como o monge com o seu cilício, porque dispõe de uma liberdade de ordem estética; a da poesia que nunca lhe falta."

Em a "Vigésima Jaula" retorna ao poema de "Campo Sem Base".

"Eis-me morto e já sem fraude
pra mudar-me é tarde e muito
embora falte cal de
terra pra, eu ir-me nela junto."

A partir de "Do Eterno Indeferido" quando ele diz:

"Deus, o único vício
da morte que eu quisera."

Já antevemos o que o poeta diria em "Os Parreirais de Deus."

Chego afinal, Senhor: e à Tua plebéia
matéria, arranco à vida.

Em "Os Parreirais do Deus"⁵ "realiza uma obra cômica do valor da palavra como instrumento na voz humana — essa voz interior que logra manifestar-se de modo sensível, por meio de constelações verbais. O teor de poesia é de violência, tanto

4. MONTELLO, Josué opus cit.

maior ao aproximar-se do plano metafísico; em angustiadas perquirições a que a lógica não atende."

Este livro é dividido em duas partes: a primeira contém 66 poemas que nos apresentam o "Cardápio do Tempo", a segunda com 40 sonetos, enche o "Cofa de misericórdia".⁶ "Com as coisas nascidas do tempo o poeta vai colocando no cesto (cofo) a angustiada precisão de misericórdia, paz, sossego e lembranças ainda verdadeiras."

Diz o poeta José Chagas na capa de "Os Parreirais de Deus": "De Nauro eu diria o que Léon Bloy disse de Pierre Van de Meer: "É verdade que este aqui é um poeta, é mesmo, um desses poetas dos quais uma nação pode se orgulhar, isto é, um vaso de sofrimentos, um desses seres que não podem cair senão do Alto e que são para sua continua angústia, prisioneiros da lama cá embaixo. Sem dúvida voltará ao pó, como todos os outros seres humanos, mas sua poeira acrescentará alguma coisa à Via Láctea."

É evidente a autenticidade do poeta que sabe que é duro ser poeta e libertar-se de sua objetividade, não se deixando levar por associações de momento, pois que o seu caminho é da inspiração e a poesia é comunicação significativa da graça. Uma revelação é uma possibilidade de acesso a níveis mais altos da consciência. O poeta é um ser livre, um libertador no extremo sentido que exclui o político, o econômico, o religioso. Liberta-se o ser, o homem, como ser, das armadilhas em que, no universo de energia, espaço e tempo caiu.

7"O verdadeiro poeta é um vaticinador, o porta-voz de uma verdade mais pura e ainda desconhecida que ele não pode reprimir. O que conta antes de tudo é a necessidade imperiosa de exteriorizá-la e que pode levá-lo a dizer como Léon Bloy: "Ainda que eu não tivesse um único leitor, continuaria escrevendo, porque a verdade tem que ser dita nem que seja às pedras."

Vejamos o primeiro poema de "Os Parreirais de Deus" e concluiremos ser Nauro vítima da luz e das trevas, o eterno fastígio dentro do homem:

Paisagem Disforme
Porque já definhas
alma em mim morrendo
são paisagens minhas,
que a dor vai fazendo.

5. LISBOA, Henriqueta, em Capa de "Os Órgãos Apocalípticos", 1976

6. BERTOLDO, Oscar, artigo intitulado "Os Parreirais de Deus ou A dor do Ser" revista Enfoque, 1975

7. CHAGAS, José, Os Parreirais de Deus, 1975

Se os olhos te trago,
já cegos de ver
paisagens afago
de um céu aziago
de um Deus que não crê.

Desfeitas paisagens,
desfeitos caminhos:
perdi-me em viagens
dos seres sozinhos.

Fiz-me dos enganos
que a vida nos dá.
Gastei-me nos anos
que em mim são os tiranos
que em mim são o findar

Perdi-me nas idas
por onde voltei:
Só fui pelas vidas
das coisas perdidas
por onde me achei

Pra que me conclusas
ruim sepultar,
deito-me nas ruas
das coisas já nuas
sem forma e lugar.

Diz o padre Oscar Bertoldo em comentário sobre "Os Parreirais de Deus": "Este poema lembra a conhecida copla da alma que pena por ver a Deus, do místico poeta São João da Cruz, quando dizia: "Esta vida que yo vivo es privacion de vivir." E continuando diz: "Nauro Machado em todos os seus livros é mastigado pela angústia de Deus. Observamos a plenitude formal das sínteses neste livro, poesia de equilíbrio e estabilidade."

O último livro de Nauro intitula-se "Os Órgãos Apocalípticos", uma coletânea de 132 páginas, computando os subtítulos: I A Pele do Núcleo (36 poemas); II Radiografia do Sangue; III O Miolo do Nada (31 poemas).

Os poemas em "Os Órgãos Apocalípticos" se apresentam sob as mais variadas formas sem, todavia, perderem uma unidade especificamente temática, reveladora de uma investigação do ser no mundo. Nauro Machado, muitas vezes, extrai do meramente cotidiano sua matéria de canto, conseguindo, como poucos, atingir estados líricos dificilmente encontráveis na poesia brasileira feita hoje.

Há verdadeiros instantâneos verbais, lampejos poéticos que cintilam, formando focos luminosos.

"Os
verbos trêmulos na boca;
que fizeste do teu sonho?
que é ter vida e não sabê-la.

Verdadeira tortura existencial do ser no mundo marca toda esta poesia:

Ó esquecimento igual ao de um mundo:
Como é que viver em mim eu pude?
O perto é longe — eis a eternidade.

8" A camada imagística de Nauro Machado é fonte perene de verdadeiras clarinadas poéticas. Suas metáforas, em aparente e externa simplicidade, rompem o referencial do texto como se o não tivessem rompendo" Observemos:

As sandálias do pensamento
O mar enchendo a incerta boca
A varanda a fêmea morte. —

Em certas passagens o poeta parece cansar do ofício de viver e sua poesia lembrando Antero de Quental sugere o esvair das coisas e universos num mergulho profundo e silencioso:

Pai nosso que estás no céu:
desfeito o verbo, o ventre aberto,
morremos nós cá nesta terra
do azul domingo: um necrotério.
Deixamos calças e camisas
no varal antigo da infância
Eis-nos despídos, pênis flor
na vulva amarga do amarelo.

As vezes a camada imagística que não é só extremamente audaciosa, como também dialética:

O ciclo nada mais diz de novo.
A escuridão é a mesma, só que intocável
Por dentro do que a chave inútil guarda,
o ovo germina a noite em cada aurora.

8. SALLES, Fritz Teixeira, A modernidade Clássica de Nauro Machado, Jornal "O Estado de Minas".

Em todos os outros livros do autor as características e vigor do estilo, o clima do desespero, todos os atributos desta poética de fato Apocalíptica é sempre a mesma.

Nauro Machado já tem quase 20 anos de carreira poética e 14 livros publicados, alguns por conta do autor, sabe Deus lá com que sacrifícios, se somente o ato de ser fiel ao seu duro ofício já é um sacrifício dos mais árduos.

Desde 1958 o poeta maranhense publica regularmente os seus livros e vem marcando presença na poesia brasileira nestas duas décadas com uma copiosa e significativa obra.

Nauro Machado já produziu e editou:

- 1 — Campo Sem Base — Rio 1958
- 2 — O Exercício do Caos — Rio 1961
- 3 — Do Frustrado Órfico — S. Luís 1963 — Ed. Particular
- 4 — Segunda Comunhão — Rio 1964 — Livraria S. José
- 5 — Ouro Noturno — S. Luís 1965 — Ed. Particular
- 6 — Zoologia da Alma — Rio 1968 — Livraria S. José
- 7 — Necessidade do Divino - S. Luís 1967 - Ed. Particular
- 8 — Noite Ambulatória — Rio 1961 — Ed. Porta de Livraria
- 9 — Do Eterno Indeferido — Rio 1971 — Ed. Porta de Livraria
- 10 — Décimo Divisor Comum — Rio 1972 — Ed. Porta de Livraria
- 11 — Testamento Provincial — Rio 1973 — Ed. Particular
- 12 — A Vigésima Jaula — S. Luís 1974 — Fundação Cultural do Maranhão
- 13 — Os Parreirais de Deus — S. Luís 1975 — Fundação Cultural do Maranhão
- 14 — Os Órgãos Apocalípticos — Rio 1976 — Olímpia Editora.

Ensaio:

Tempo Ladeado — S. Luís 1974 — Ed. Particular

A publicar:

Estado de Sitio (poesia)

Os artigos sem imprensa (depoimentos)

O CLASSICO E O MODERNO NA POESIA DE NAURO

Como observa-se, Nauro Machado renova o antigo e torna o moderno uma recriação do nosso acervo poético. Possuidor de um domínio raro do verso tradicional, Nauro é um autêntico profissional da poesia. Sua obra poética é uma encruzilhada de dois caminhos do mundo ocidental: o apolíneo (no seu classicismo formal rigoroso) e o dionisiaco no sentido existencial

da tragédia. Nauro oscila e vacila entre Homero e Arquiloco, os dois caminhos do ontem que fabricam o hoje. A "Ingenuidade de Homero", ingenuidade do épico, portanto, e do outro lado o desmascaramento iniciado por Arquiloco: o drama da existência ou a glória do poder, "harmonia da beleza" convencional ou a dor na sua brutalidade que retine na condição humana, vista como uma destinação trágica.

Com sua sensibilidade algo brutal, num erotismo selvagem de poderosa fluidez sintática, a poesia de Nauro sofre na alegria do sexo e vive na dor do viver. Tudo em seu texto é sensorial (dionisíaco), mas tudo nele encerra também um rigor clássico de cristal e polimento, dimensão e medida, sintaxe exata e precisa que é também apolínea.

Nauro Machado trabalha praticamente qualquer elemento da estrutura lingüística, extraindo desta efeitos poéticos expressivos e imprevistos, como o faz com o uso do pronome.⁹ "É o faz num corte tão audacioso que nos lembra até Fernando Pessoa ou Sousândrade" como podemos observar nos versos que se seguem:

Deram-me os deuses
De mim fazer o que de mim fizeram
Sem que o pedisse meu fazer-me alheio
Fizeram-me de estranho o próprio olhar-mel

Importa considerar que o domínio idiomático do autor não serve a uma dicção esclerosada, mas serve para que o autor diga o sabido de modo não sabido, nem imaginado, como nos versos abaixo:

Ó utilidade do verso
A utilidade vã
No mesmíssimo reverso
de ontem vivo no amanhã

Em sua dança entre Apolo e Dionísio, portanto nesta confluência de universos, é que Nauro sofre e doma o verbo. Seu Poder expressivo é puro e metálico, embebido na catarse existencial retine no cerne idiomático do velhíssimo e novíssimo Camões.

CONCLUSÃO

O que ressalta à primeira vista, e se confirma depois, na obra poética de Nauro Machado, é o alinhamento temático den-

9. SALLES, Fritz Teixeira, opus cit.

tro da atualidade que envolve o homem e um consciente tratamento dado ao verso. Se por um lado expõe um discursivismo introspectivo, partindo do real circundante, por outro atinge contensão verbal, mas de muita significância poética, sem qualquer recurso improvisado.

Continuando a tradição de Sousândrade trabalha o moderno com instrumento do clássico.

Nota-se que sua poesia não se exaure na melódica imagem acústica que logo impressiona o leitor, mas convida o leitor a mergulhar nas mais íntimas camadas do ser e extrair de lá aproximações vividas dos mistérios da vida e da morte.

Poucos poetas brasileiros fizeram da matéria puramente confessional uma investigação do ser no mundo a níveis tão profundos.

Nauro Machado tanto domina o metro de sabor popular quanto o soneto inglês que já passou pela limpeza formal do modernismo.

É difícil dizer-se suas raízes poéticas. Ele não é um revolucionário, um derrubador radical de tabus literários. A sua linhagem é a da tradição que se renova, que fala a linguagem de sua época. Embora cultuando a tradição da imagem nem por isso a sua poesia é menos atuante e comprometida. Fala das coisas que angustiam os homens e fala da angústia maior, a morte.

Comprometido com o estar no mundo, a temática dominante da poesia de Nauro é de teor filosófico e religioso. Sabedor de que o fim das pessoas e das coisas está próximo, talvez só lhe restem as palavras e através delas possa insuflar um pouco de eternidade.

Os livros de Nauro Machado valem, significam, independentemente de qualquer co-relação. Exatamente como se o poeta pretendesse ser julgado por cada um deles em separado, e não pelo todo. Curioso é que, por outro lado, sua obra é uma, harmônica, apesar das dissonâncias de cada volume, considerados de per si.

Sua poesia é de uma densidade tão grande, que se converte em convite e desafio para os analistas.

BIBLIOGRAFIA

- HEIDEGGER, Martin, *O Fim da Filosofia ou A Questão do Pensamento*, S. Paulo, Livraria Duas Cidades, 1972.
LUCAS, Fábio, *A Face Visível*, Rio — S. Paulo, Ed. José Olympio e Conselho Estadual de Cultura, 1973.
MACHADO, Nauro, *A Vigésima Jaula*, S. Luís, Rio, 1974, Fundação Cultural.
MACHADO, Nauro, *Campo Sem Base*, Rio, 1958, Revista Branca.
MACHADO, Nauro, *Do Frustrado Órfico*, S. Luís, 1963, Ed. Particular

- MACHADO, Nauro, **Décimo Divisor Comum**, Rio, 1972, Ed. Porta de Livraria
- MACHADO, Nauro, **Do Eterno Indeferido**, Rio, 1971, Ed. Porta de Livraria
- MACHADO, Nauro, **Necessidade do Divino**, S. Luis, 1967, Ed. Particular
- MACHADO, Nauro, **Noite Ambulatória**, Rio, 1961, Ed. Porta de Livraria
- MACHADO, Nauro, **Os Órgãos Apocalípticos**, Rio, 1976, Ed. José Olympio
- MACHADO, Nauro, **Os Parreirais de Deus**, S. Luis, 1975, Fundação Cultural
- MACHADO, Nauro, **O Exercício do Caos**, Rio, 1961, Revista Branca
- MACHADO, Nauro, **Ouro Noturno**, S. Luis, 1965, Ed. Particular
- MACHADO, Nauro, **Segunda Comunhão**, Rio, 1964, Livraria S. José
- MACHADO, Nauro, **Testamento Provincial**, Rio, 1973, Ed. Particular
- MACHADO, Nauro, **Zoologia da Alma**, Rio, 1968, Livraria S. José

OBSERVAÇÃO: Além dos livros citados consultamos numerosos artigos publicados nos jornais do Rio de Janeiro e Minas Gerais.